



## Cataldo no reinado de D. Manuel I (1495-1521)

por

**AMÉRICO DA COSTA RAMALHO**

(Universidade de Coimbra)





## CATALDO NO REINADO DE D. MANUEL I (1495-1521)

Cataldo nasceu na Sicília em Enna ou Sciacca, não é certo, em 1455. Ainda era vivo, mas estava muito doente, em 1516, pois é citado nesse ano como um dos latinistas notáveis que se encontravam nessa altura em Portugal, no Prólogo da Gramática latina de Estevão Cavaleiro <sup>1</sup>.

Veio para Portugal em 1485, a convite do rei D. João II, sendo intermediário na sua vinda, Fernando Coutinho que então estudava em Itália e conheceu Cataldo, possivelmente em Bolonha, de onde o humanista saiu para Portugal. Fernando Coutinho veio a ser, depois do regresso à pátria, bispo de Silves e Lamego. Há cartas para ele, antes e depois da elevação ao episcopado, na correspondência de Cataldo.

Quando propus o ano de 1485, em substituição de 1486, antes proposto por Luís de Matos <sup>2</sup>, logo houve quem gratuitamente afirmasse que o Sículo já residia anos antes em Portugal. Mas isso não parece possível, porque Cataldo se doutorou em Ferrara (e não em Bolonha, como se afirmava), em 21 de Fevereiro de 1484, segundo o que apurei em Itália, consultando bibliografia que não se encontrava entre nós <sup>3</sup>. Cataldo doutorou-se *in utroque iure*, mas há muito que ensinava disciplinas de *Humanidades*, nomeadamente Retórica, em Itália <sup>4</sup>.

Assim sendo, viveu em Portugal entre 1485 e 1517, ano provável da sua morte, isto é, trinta e dois anos. Tinha trinta anos, quando chegou ao nosso País. Deste modo, viveu mais tempo aqui do que no país de naturalidade. E desses trinta e dois, dez passaram-se no reinado de D. João II e vinte e dois sob o ceptro de D. Manuel. Os dois lustros que viveu sob D. João II são expressamente referidos em versos seus <sup>5</sup>.

Sobre a sua idade tem havido confusões, de que mencionarei apenas uma. Certo investigador já falecido, sacerdote meticoloso e pesquisador respeitado, sentiu-se um pouco chocado com o tom afectuoso de algumas composições em verso que Cataldo dedicou à Infanta D. Joana, a Santa Joana de Aveiro, irmã do rei D. João II. E vá de falar do velho humanista e da sua possível senilidade. O Sículo tinha então trinta anos de idade ou pouco mais, e a princesa era três anos mais velha do que ele, pois nascera em 1452 <sup>6</sup>.

<sup>1</sup> Cf. A. Costa RAMALHO, *Estudos sobre o Século XVI*, 2.<sup>a</sup> edição aumentada, Lisboa, INCM, 1983, p. 125 e seguintes.

<sup>2</sup> «Nótulas sobre o humanista italiano Cataldo Parísio Sículo», *A Cidade de Évora* 35-36, Évora, 1954, p. 3-13.

<sup>3</sup> Cf. G. PARDI, *Titoli dottorali conferiti dallo studio di Ferrara nei secoli XV e XVI*, Lucca, 1900, p. 12-13.

<sup>4</sup> Sobre as vicissitudes da carreira italiana de Cataldo, ler o capítulo «III – Algumas relações italianas de Cataldo Parísio Sículo», no meu livro *Estudos sobre a época do Renascimento*, 2.<sup>a</sup> edição melhorada, Lisboa, FCG/JNICT, 1997, especialmente, pp. 46-50.

<sup>5</sup> *Rege sub elapso duo lustra peregrinus ...*, *Poemata*, fol.K 4v.<sup>o</sup>. A. Costa Ramalho, *Estudos sobre o Século XVI*, 2.<sup>a</sup> edição aumentada, Lisboa, INCM, 1983, p.62, nota10.

<sup>6</sup> Cf. o capítulo «Cataldo, a Infanta D. Joana e a educação de D. Jorge», no meu livro *Para a História do Humanismo em Portugal II*, Lisboa, FCG/JNICT, 1994.



Cataldo foi inicialmente contratado para ensinar D. Jorge, o filho de D. João II e de D. Ana de Mendonça. Mais tarde, no reinado de D. Manuel, D. Jorge será elevado a duque de Coimbra e mestre das ordens militares de Santiago e de Avis, estas últimas honrarias, datando já dos tempos do rei, seu pai.

Além de ensinar D. Jorge, o humanista desempenhou as funções de *orator* e de secretário latino de D. João II, a cujo serviço escreveu numerosas cartas a potentados estrangeiros, muitas das quais se encontram no livro I das *Epistolae*.

A palavra *orator* merece uma nota especial, pois certo latinista nosso, ao encontrá-la referida a Cataldo, fez do humanista «pregador do rei», atribuindo-lhe um emprego eclesiástico que ele nunca teve, pois era leigo. *Orator*, em sentido ciceroniano e humanístico, significa «orador oficial, embaixador, secretário latino». Aliás, os eclesiásticos, a quem normalmente cabiam as funções de educadores da realeza e dos nobres, não viam com bons olhos a presença de Cataldo em Portugal. Exceptuaram-se certas altas figuras do clero, como D. Fernando Coutinho, já mencionado, e D. Diogo de Sousa, bispo do Porto e, mais tarde, arcebispo de Braga, que foram amigos e protectores do Sículo.

Cataldo trouxe para Portugal os ideais de excelência do Renascimento italiano e não se limitou a ensinar a ler e traduzir latim aos seus discípulos, mas trabalhando com eles incessante e energicamente não descansava enquanto os não punha a falar e a escrever latim. Isto deve ter sido particularmente verdadeiro com D. Jorge, de quem foi o educador, trabalhando com o rapaz, como ele próprio diz, dia e noite. Por tudo o que sabemos de Cataldo, não há aqui exagero. D. Jorge leu com ele Cícero, Vergílio, Horácio e outros escritores importantes da Latinidade, e também os gregos especialmente Aristóteles, estes em traduções latinas feitas por humanistas italianos. E escritores modernos em latim, sobretudo italianos. Todavia, um dos autores preferidos de D. Jorge era Ovídio, maxime os *Amores* que lia avidamente. Numa carta ao rei, Cataldo recomenda-lhe com empenho que admoeste o filho, cujas inclinações eróticas, em matéria literária, achava que deviam ser combatidas.

Segundo o mestre, D. Jorge maravilhou o Dr. Jerónimo Münzer, um médico alemão conhecido em latim por Hieronymus Monetarius, quando este visitou Portugal e foi recebido por D. João II, no final de 1494. e as notas de viagem do Dr. Münzer, publicadas séculos mais tarde na Alemanha, e traduzidas posteriormente em Espanha e Portugal, confirmam inteiramente a boa impressão com que o viajante alemão ficou da cultura e desembaraço intelectual do rapaz. Nesta altura, em fins de 1494, menos de um ano antes do falecimento de D. João II, a 25 de Outubro de 1495, D. Jorge era o único filho do soberano, pois o príncipe herdeiro D. Afonso falecera em Julho de 1491, da queda de um cavalo.

O Dr. Münzer considerava D. Jorge um herdeiro muito capaz do trono de seu pai, graças aos dotes de inteligência e cultura. Impressionou-o, de modo especial, a facilidade com que se exprimia em latim.

Os anos que seguiram à morte de D. João II foram anos difíceis no relacionamento de Cataldo com o seu discípulo. Este sacudiu a tutela imperiosa do mestre e o Sículo queixou-se amargamente, em prosa e verso, da sua ingratitude.

Cataldo redigiu as numerosas cartas latinas em que D. João II recomendava o bispo de Ceuta D. Fernando de Almeida a altas personalidades da corte pontifícia,

para o apoiarem e favorecerem em certo negócio de que ia incumbido, negócio confidencial. Era isto em 1493, quando D. Fernando de Almeida foi a Roma prestar obediência ao novo papa, Alexandre VI, em nome do rei de Portugal, D. João II. O negócio confidencial era certamente a legitimação de D. Jorge.

Mas Cataldo chegou a ser indiscreto neste apoio dado à candidatura do seu discípulo. A legitimação que D. Jorge não conseguiu do Papa, por oposição dos apoiantes da rainha D. Leonor em Roma, nomeadamente o cardeal de Lisboa, D. Jorge da Costa, conferiu-lha o seu mestre Cataldo no final do canto IV e último do poema *De Obitu Principis Alfonsi*, em que D. João II é instado por sonhos e visões sobrenaturais, quando o príncipe herdeiro ainda era vivo, a não limitar a sua descendência ao filho D. Afonso. Como a rainha D. Leonor não podia dar-lhe mais um herdeiro, o soberano era aconselhado a seduzir para o efeito uma jovem e bela dama da Corte. O rei era vivamente instado a fazer esse sacrifício pela segurança do País.

São 122 versos que se não encontram na edição feita no século XVIII por D. António Caetano de Sousa nas *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, vol. VI, 2.<sup>a</sup> parte, da edição de Lopes de Almeida e César Pegado (Atlântida, Coimbra, 1954). Quem os suprimiu? António de Castro em 1569, ou talvez a Inquisição? Ou o próprio D. António Caetano de Sousa? Note-se que nas *Provas* Cataldo é chamado Áquila, nome que ele nunca teve<sup>7</sup>.

As relações distantes entre D. Jorge e Cataldo, após Outubro de 1495, estavam reatadas em 1500, quando o seu antigo educando casou com uma alta dama da Casa de Bragança, a saber, D. Beatriz, filha do Senhor D. Álvaro, irmão do duque D. Fernando, justicado em 1483, por ter conspirado contra D. João II. No *Epithalamium* que Cataldo compôs sobre este matrimónio principesco, D. Jorge recebe os maiores elogios, pela sua formação intelectual.

E esses elogios são reiterados no último poema de Cataldo, que chegou até nós, o *De Diuina Censura et Verbo Humanato*, composto à roda de 1515, que se encontra manuscrito na Biblioteca de Évora. Aí, D. Jorge, mestre da Ordem de Santiago, é chamado o mais culto dos seus pares na Península Ibérica.

Depois de tudo isto, surpreende a atitude de um historiador dos nossos dias que, interpretando errada e demagogicamente uma anedota do século XVI, faz de D. Jorge um símbolo da nobreza ignorante e sem letras. Segundo ele, D. Jorge teria sido incapaz de explicar a dois jovens criados seus o que significava a palavra «humanista». Mas, ao contrário do nobre ignorante, os dois rapazolas conheciam perfeitamente a resposta, e só fizeram a pergunta para disfrutar a ignorância do nobre senhor<sup>8</sup>.

No período das relações difíceis com o seu antigo pupilo D. Jorge, Cataldo foi protegido pelo rei D. Manuel que lhe deu várias provas de consideração. Levou-o consigo na comitiva de que se fez acompanhar, quando em 1498 foi com a princesa D. Isabel de Castela, sua mulher, a Toledo para serem jurados ambos herdeiros do

<sup>7</sup> Cf. A. Costa RAMALHO, «Aquila: sobrenome de Cataldo ou nome de livro?», estudos sobre o Século XVI, 2.<sup>a</sup> edição aumentada, Lisboa, INCM, 1983, p. 39-52.

<sup>8</sup> A. Costa RAMALHO, *Camões no seu tempo e no nosso*, Coimbra, Almedina, 1992, p. 63-66.



reino vizinho. Sabe-se como no decurso desta visita, D. Isabel deu à luz um filho em Saragoça, onde morreu de parto.

Cataldo refere-se mais de uma vez a esta honra que recebeu do rei de Portugal que, durante a visita, o apresentou ao rei Fernando de Castela de quem, aliás, Cataldo era súbdito, como siciliano. Por essa altura, estava Cataldo em contacto com outros membros da família real, como D. Dinis, seu aluno, sobrinho do rei D. Manuel *ex sorore*, e irmão mais novo do duque D. Jaime de Bragança.

É a este D. Dinis que o humanista dirige a carta inicial do livro II das *Epistolae* onde recorda os acontecimentos desse verão trágico de 1498, lamenta a ausência de D. Dinis, mas garante a sua dedicação à Casa de Bragança e a D. Dinis em particular.

Lembra-lhe que a ele e ao duque D. Jaime, seu irmão, fez elogiosa referência na «Visão Segunda» (*Visio Secunda*), acabada de publicar, mas que já no ano anterior fora lida com evidente satisfação por D. Jaime, *doctissimus princeps*, a seu tio o rei D. Manuel<sup>9</sup>.

Eis um hábito do Renascimento italiano que Cataldo introduziu na Corte: a celebração dos méritos dos magnates, a quem os humanistas conferiam prestígio cultural e social, pela via da poesia latina.

Data deste período também o relacionamento de Cataldo com a Casa de Vila Real. Foi o rei D. Manuel que encarregou o humanista de ensinar D. Pedro, filho de D. Fernando de Meneses, quando este era ainda o conde de Alcoutim. Em fins de 1499, por morte de seu pai, também chamado Pedro como o neto, D. Fernando tornar-se-á o 2.º marquês de Vila Real, e o jovem D. Pedro, seu filho, o 2.º conde de Alcoutim.

D. Pedro de Meneses começou a ser ensinado por Cataldo em 1498, com onze anos de idade, mas há muito que estudava Latim com o seu preceptor, chamado no latim do siciliano *Simon Valascus Tituilensis*, isto é, Simão Vaz, natural de Tentúgal. Cataldo manteve relações amistosas com o preceptor.

A acção de Cataldo teve resultados quase imediatos. Com efeito, em 1499, D. Pedro de Meneses, perante o Senado da Universidade de Lisboa, aos doze anos de idade, deu uma lição em que comentou em latim textos de vários autores latinos. O êxito parece ter sido grande, mas Cataldo não gostou do ritmo da dicção do seu pupilo e criticou-o com tanta severidade que o rapaz chorou. E sua mãe, D. Maria Freire, condessa de Alcoutim e depois marquesa de Vila Real, enviou o preceptor Simão Vaz a Cataldo, numa tentativa para moderar o rigor do mestre. Tudo isto ficamos a saber, pela leitura da correspondência do humanista.

Anos mais tarde, numa carta a D. Nuno Álvares, irmão mais novo de D. Pedro, já então conde de Alcoutim, Cataldo que fora padrinho de baptismo de D. Nuno, estranhava que os pais ainda o não tivessem chamado para ensinar o afilhado. E não esconde que será severo, mencionando expressamente «repelões, bofetadas e palmatoadas», como argumentos convincentes para fazer trabalhar o rapaz, embora espere

<sup>9</sup> *Epistolae* II, Aij. É a carta inicial do livro segundo, dirigida a D. Dinis, sobrinho do rei D. Manuel e irmão do duque D. Jaime. Sobre este e a *Visio Secunda* em que Cataldo o exalta, ver *Para a História do Humanismo em Portugal* III, Lisboa, INCM, p. 44 e seguintes.

que não venham a ser necessários, dado que D. Nuno, segundo lhe dizem, é bem comportado. (*Ep.* II, B iijv.º). Esta severidade exemplar encontra-se expressa noutros textos em prosa e verso, por exemplo, nos poemas *Verus Salomon Martinus* de cerca de 1511/12 ou no *Angelorum et Musarum triumphus* que se encontra manuscrito na Biblioteca de Évora.

O nome de Cataldo está ligado a uma série de novidades na vida cultural e social portuguesas. Já havia anteriormente orações de abertura da Universidade, mas a primeira que chegou até nós foi impressa nas obras de Cataldo. E na forma especial que revestiu é não só a primeira, mas também a única. Trata-se da *Oratio habita a Petro Menesio, comite Alcotini, coram Emmanuele Serenissimo Rege in Scholis Vlyxbonae*, isto é, a «Oração pronunciada por Pedro de Meneses, conde de Alcoutim, estando presente o Sereníssimo rei Manuel, na Universidade de Lisboa». Apesar de todos os disparates que sobre a oração e o orador têm sido escritos, apesar de ter havido um investigador que privou D. Pedro de Meneses do título de «conde de Alcoutim» na tradução portuguesa do discurso, o orador foi de facto o filho de D. Fernando de Meneses, marquês de Vila Real.

Foi por ordem do rei D. Manuel que o jovem aristocrata de dezassete anos de idade, discípulo de Cataldo há seis anos, discursou na Universidade de Lisboa, em 18 de Outubro de 1504. A elegia intitulada *Visio tertia* do humanista descreve em pormenor tudo o que se passou nesse dia e foi com certeza Cataldo quem sugeriu ao monarca o nome do orador. Mais uma vez, uma prática corrente na Itália do Renascimento, a de confiar o principal papel da cerimónia a um jovem de boa família, era introduzida em Portugal. Sobre esta oração já falei repetidas vezes. Por isso, passo adiante.

Como na Itália do Renascimento, também na corte portuguesa surge uma latinista de alto nível, D. Leonor de Noronha, irmã do conde de Alcoutim, dois anos mais nova que ele. E isto acontece, por obra de Cataldo, cinquenta anos antes do círculo erudito da Infanta D. Maria (1521-1577) e suas Damas, estudado por D. Carolina Michaëlis<sup>10</sup>. Acerca de D. Leonor não temos apenas os elogios que dela faz o seu mestre, em prosa e verso, e mesmo em cartas ao soberano. Mais tarde (1550), ela publicará uma tradução feita do latim das *Enneades* do humanista italiano Marc'Antonio Cocci Sabellico, uma espécie de história universal, divulgada em Itália.

Com outros membros da família, não foi Cataldo tão feliz. Assim aconteceu com D. Inácio de Noronha, filho de D. António de Noronha, primeiro conde de Linhares. Considerado, como todos os pequenos génios que o Sículo ensinou, um *puer Cato* ou *puer senex*, D. Inácio veio mais tarde a casar com a filha de Vasco da Gama, conde da Vidigueira, e saiu um valdevinos de tal ordem, que a mulher o deixou, indo para um convento. Por fim, ele escreveu uma carta ao rei, pedindo que o título passasse para seu irmão mais novo, D. Francisco. Este veio a ser o 2.º conde de Linhares, casado com D. Violante de Andrade, pais daquele D. António de Noronha, de quem Camões teria sido preceptor. Sua mãe, segundo invenção não provada dos nossos dias, teria sido amante de Camões. Hipótese improvável<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> Cf. *Para a História do Humanismo em Portugal* IV, Lisboa, INCM, 2000, p. 95 e seguintes.

<sup>11</sup> Cf. O livro citado na nota 8, p. 53 e seguintes.



Que trouxe Cataldo a Portugal, com a sua actividade incessante? Era convicção sua, e disse-o em prosa e verso, que tinha libertado Portugal da barbárie gótica. E isso é em grande parte verdade.

Cataldo coloca-nos ao nível da Europa mais culta, com os dois discursos de entrada, o da Princesa D. Isabel, em Évora, em 28 de Novembro de 1490; e o da Princesa D. Maria, na sua entrada em Santarém, depois do casamento com o rei D. Manuel. Este discurso nunca terá sido pronunciado, mas impresso no volume II das *Epistolae*, espalhou na Europa a fama de Portugal e, em particular, o prestígio da Vila de Santarém e da fertilidade dos seus campos<sup>12</sup>.

A *Oratio habita Bononiae publice a Cataldo in omnium scientiarum et ipsius Bononiae laudes* foi o modelo da oração do conde de Alcoutim na Universidade de Lisboa em 1504 e das orações pronunciadas trinta anos mais tarde na mesma escola e quarenta e cinco anos depois em Coimbra<sup>13</sup>.

A correspondência de Cataldo é do maior interesse para o conhecimento da vida social e cultural da corte portuguesa nos finais do século XV e começos do século XVI. Traduzi e comentei algumas dessas epístolas em *Latim Renascentista em Portugal*, mas penso que os dois livros do humanista deviam ser traduzidos na íntegra. No livro acabado de referir, publiquei e traduzi a carta ao Marquês de Vila Real, D. Fernando de Meneses, em que Cataldo faz a defesa do latim literário dos humanistas contra o latim – latão dos clérigos (1499/1500).

Uma carta a Garcia Moniz em que este é elogiado como um dos fundadores da Misericórdia (1498), permite explicar o final do *Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente, de maneira mais favorável ao carácter de Gil Vicente, do que a tradicional, da autoria de A. Braamcamp Freire<sup>14</sup>.

Uma carta ao conde de Alcoutim D. Pedro acompanha o poema *Verus Salomon, Martinus* (c. 1511), composto em honra de D. Martinho Castelo Branco, conde de Vila Nova de Portimão<sup>15</sup>: um dos genros de D. Martinho era João Rodrigues de Sá de Meneses, de quem Cataldo faz um caloroso elogio, repetido no poema. As informações tanto da carta como do poema são um argumento *ex silentio* que, junto ao testemunho do próprio Sá de Meneses, provam que ele nunca foi aluno<sup>16</sup> em

<sup>12</sup> Ver *Cataldo Parisio Sículo: Duas Orações*. Prólogo, tradução e notas de Maria Margarida Brandão Gomes da Silva. Introdução e revisão de Américo da Costa Ramalho, Coimbra, CECH, 1974.

<sup>13</sup> Cf. Luiz Carlos Stammato Marcellino de CARVALHO, *A Oração de Cataldo em Bolonha. Sua permanência na oratória do século XVI*. Rio de Janeiro, Universidade Federal (UFRJ), 1980 (Tese de doutoramento). Esta tese foi por mim orientada no Rio de Janeiro e em Coimbra.

<sup>14</sup> Ver «A feia acção de Gil Vicente», *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Lisboa, 2.ª edição, FCG/JNICT, 1997, p. 124 e seguintes.

<sup>15</sup> *Cataldo Parisio Sículo: Martinho, Verdadeiro Salomão*. Prólogo, tradução e notas de Dulce da Cruz Vieira. Introdução e revisão de Américo da Costa Ramalho, Coimbra, IEC, 1974.

<sup>16</sup> Cf. *Estudos sobre o Século XVI*, Lisboa, 2.ª edição aumentada, INCM, 1983, p. 199 e seguintes; sobre a impossibilidade de ter sido aluno de Policiano, ibidem, p. 65 e seguintes. Há muitos anos, lembro-me de ter dito nas aulas de *Latim Renascentista* e de ter escrito, não me recordo onde, o seguinte: morreu Policiano em 1494, e tendo nascido Sá de Meneses, cerca de 1487, este só poderia ter sido aluno da Universidade de Florença, antes dos sete anos de idade.

Florença de Ângelo Policiano (m. 1494), como D. Carolina Michaëlis erradamente afirmou e hoje é rotineiramente repetido. Mas Sá de Meneses não precisou de ser aluno do mestre florentino para escrever o extraordinário *De Platano* de que publiquei e traduzi trechos no livro de que venho falando.

Ainda em *Latim Renascentista em Portugal* publiquei a dramática carta de Cataldo ao seu compatriota Próspero, «médico e rabi natural de Trapani». A carta foi traduzida no *Panorama* de Alexandre Herculano, e por sugestão deste, pelo latinista Manuel Bernardes Branco que, ao interpretar *prosperus* como um adjectivo, acabou por deturpar o sentido da carta e confundir os seus leitores. Citando um passo da *Visionum liber primus Cataldi*, mostrei que Próspero se converteu ao Catolicismo, tornando-se Henrique, foi médico da corte e é provavelmente o mestre Anrique da *Farsa dos Físicos* de Gil Vicente<sup>17</sup>.

Uma carta que não traduzi então, mas utilizei em diversas ocasiões, foi a que o humanista dirigiu a Martim de Sousa, que comandava tropas no Norte de África, a pedir-lhe informações para as *Crónicas* que tencionava escrever. Aí felicita Martim de Sousa, por ter mandado vir da Europa, um Professor de Latim para ensinar os rapazes no intervalo dos combates<sup>18</sup>. Uma preocupação que revela a mudança dos tempos! Mas as cartas de Cataldo precisam de ser todas traduzidas para uso dos numerosos investigadores que não são capazes de lê-las em latim. O seu número mostra tendência para crescer, com a ignorância progressiva da língua latina. Por outro lado, os textos dos humanistas são mais difíceis de traduzir do que os dos clássicos greco-latinos para os quais há numerosos «burros» em francês e em outras línguas acessíveis. Enfim, para traduzir os humanistas não basta fingir que se sabe latim.

Isto é ainda mais verdadeiro da poesia, cuja dificuldade supera naturalmente a da prosa. Cataldo escreveu muitos milhares de hexâmetros e pentâmetros dactílicos, dos quais a parte traduzida é relativamente pequena.

Não que sejam todos esses versos poesia inspirada, mas o seu valor informativo sobre o viver e o sentir dos contemporâneos do Sículo é inegável.

Em *Latim Renascentista em Portugal* traduzi e comentei a *Arcitinge*, poema heróico sobre a conquista de Arzila e a ocupação de Tânger em 1471, que começou a escrever em Itália antes de 1485 e da vinda para Portugal. É uma homenagem a D. João II que, aos 16 anos de idade, acompanhou D. Afonso V, seu pai, nessa expedição africana.

O *Verus Salomon, Martinus*, escrito à roda de 1511, refere também a carreira militar do seu herói, D. Martinho Castelo Branco<sup>19</sup>.

Uma pequena elegia, que não figura nas *Provas*, compara Miguel Corte Real a um herói de Homero e descreve a sua participação num ataque a Orão no Norte de África, cerca de 1501, um ano antes da sua viagem fatal às costas da actual América do Norte<sup>20</sup>.

<sup>17</sup> Cf. *Estudos sobre o Século XVI*, 2.ª edição, 1983, p. 34-35, 157-160.

<sup>18</sup> Cf., por exemplo, *Para a História do Humanismo em Portugal III*, Lisboa, INCM, 1998, p. 37, 141.

<sup>19</sup> Cf. O livro citado na nota 15.

<sup>20</sup> Cf. *Estudos sobre o Século XVI*, 2.ª edição aumentada, 1983, p. 77 e seguintes.



Cataldo pediu repetidamente ao rei D. Manuel informações, sob a forma de memorando ou comentário, que lhe permitissem tratar, nas *Crónicas* que queria escrever, as matérias africana e asiática.

Ao que parece, nunca foi atendido. E é pena, porque a partir de 1506, Pedro Mártir d'Anghiera, um humanista italiano ao serviço dos Reis Católicos, e mais castelhanizante do que os castelhanos, publicava o *De Orbe Nouo* onde a prioridade das navegações oceânicas é dada a Cristóvão Colombo e aos espanhóis.

Gaspar Barreiros no *De Ophyra regione*<sup>21</sup>, publicado juntamente com a *Chorographia*, em 1561, foi um dos que protestaram, mas em vão. O *De Orbe Nouo* de Pedro Mártir já fizera o seu caminho.

Noutras cartas do livro II das *Epistolae*, Cataldo queixa-se quer ao rei D. Manuel, quer ao conde de Alcoutim, de que, por falta de material informativo, não podendo escrever as *Crónicas*, se dedica agora à poesia religiosa. E de facto, o manuscrito de Évora confirma as suas palavras, pois termina com o poema *De Diuina Censura et Verbo Humanato*, «Sobre a Divina Censura e o Verbo Incarnado», cujo título corresponde, em parte, aos anunciados nessas cartas.

De outros poemas de Cataldo, que nos revelam acontecimentos, preocupações e boatos da vida da corte de D. Manuel, tratei em outras ocasiões e não quero aqui repetir-me. Podem ler-se nos meus livros *Estudos sobre a Época do Renascimento*, *Estudos sobre o Século XVI*, *Latim Renascentista em Portugal* e nos quatro volumes publicados de *Para a História do Humanismo em Portugal*. Dos três primeiros livros recomendo as segundas edições que apresentam uma real melhoria, e nalguns casos correcções, em relação às primeiras.

Mas não resisto a referir brevemente um episódio que tratei com desenvolvimento noutro lugar<sup>22</sup>. Para lisongear a rainha Isabel a Católica, o poeta castelhano Anton de Montoro escreveu que se ela fosse nascida, antes «de la hija de Sanct'Ana / de vos el Hijo de Dios / recibiera carne humana».

Estes versos adulatórios são vivamente criticados no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, publicado em 1516. Todavia, Montoro deve tê-los escrito antes de 1504, ano da morte da rainha castelhana.

Ora no *Epithalamium* de Cataldo que terá sido escrito em 1500, quando D. Jorge casou com D. Beatriz, filha de D. Álvaro de Bragança, da mãe da noiva, D. Filipa, escreveu o humanista, a concluir uma série de extravagantes elogios:

*Ni Deus a lecta sunpsisset uirgine carnem,  
Sola haec angelicum promeruisset aue*

ou em tradução:

«Se Deus não tivesse encarnado da (ou de uma) virgem escolhida, era esta que teria merecido de preferência o evangélico *ave*».

<sup>21</sup> Cf. *Boletim de Estudos Clássicos* 9, Coimbra, Faculdade de Letras, 1998, p. 95-96.

<sup>22</sup> A. Costa RAMALHO, *Para a História do Humanismo em Portugal*, I, Coimbra, INIC/CECH, 1988, p. 23-30.

Naturalmente, este dístico e os quatro que o precedem foram suprimidos na edição das *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*: Quando? No século XVI ou no século XVIII?

Trata-se, provavelmente, dum encómio proveniente do arsenal adulatório dos humanistas italianos. Em qualquer caso, o pensamento andava no ar, pois no *Auto da Sibila Cassandra* de Gil Vicente, que é desta época, a heroína também não quer casar, porque espera vir a ser mãe do Redentor.

O *Epithalamium* celebra D. Jorge e a Casa de Bragança. E é no seio desta família que Cataldo vai acabar, se nos não engana o testemunho dos seus últimos versos, recolhido em quatro epigramas dum códice manuscrito da Biblioteca Pública de Évora. Neles, Cataldo manifesta a sua preocupação com a educação de D. Teodósio, ainda criança, o futuro herdeiro da casa ducal. Seu pai, o duque D. Jaime, está ausente e o pequeno ficou exposto à influência perniciosa dos adutores. Há um velho guarda que o não abandona, certamente o próprio Cataldo, mas não pode defendê-lo sempre, tanto mais que está doente de gota.

O humanista, qual velho touro, colérico mas doente e paralisado, que outrora investia contra os adversários, é agora bigorna, cepo das marradas dos outros<sup>23</sup>.

A sua única consolação é a visita do pequeno Teodósio, *puer Cato*, que não o abandona. O elogio do futuro duque é feito ao Rei D. Manuel, *rex triumphantissimus*, com quem o humanista parece continuar em boas relações.

Cinco séculos passados, não será demais volver um pensamento reconhecido a esse italiano que tanto lutou para erguer Portugal ao nível da Europa culturalmente mais adiantada do seu tempo.

<sup>23</sup> A. Costa RAMALHO, «O touro e a bigorna: quatro epigramas de Cataldo», *Humanitas* III (2000), p. 287-295.